

**COMISSÃO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÃO E
INFORMAÇÃO - CCTII**

25.10.2023

* * *

- Abre a reunião o Sr. Mauro Bragato.

* * *

O SR. PRESIDENTE - MAURO BRAGATO - PSDB - Havendo número regimental, declaro aberta a 5ª Reunião Ordinária da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação e Informação da 1ª Sessão Legislativa da 20ª Legislatura. Registro com muito prazer a presença dos deputados Bruno Zambelli, Sebastião Santos, Rogério Santos, Gerson Pessoa e Giannazi. Eu queria dizer que esse pedido tem a ver com a finalidade de recepcionar a nossa professora Laura Laganá, diretora-superintendente do Centro Paula Souza, convidada para uma apresentação sobre o andamento de sua gestão. Nesse sentido, passo a palavra para a professora Laura iniciar a sua fala.

A SRA. LAURA LAGANÁ - Boa tarde a todos. Quero cumprimentar os nobres deputados, os assessores. Quero cumprimentar os membros do Sindicato do Centro Paula Souza aqui presentes. Eles brigam comigo, mas são muito parceiros. O que eu trouxe para vocês é uma exposição sobre o Centro Paula Souza. Eu estou feliz em estar aqui. É a primeira vez que eu faço uma apresentação para deputados aqui da Assembleia. Deputados, que também tem sido muito parceiros.

Nos apoiaram em momentos muito importantes, de aprovação de projetos, de aprovação das nossas carreiras. O Centro Paula Souza é uma instituição, eu sempre digo, que só faz o bem à juventude. Profissionalização é fundamental para inseri-los no mercado de trabalho e para que eles tenham uma trajetória profissional de sucesso. Então u vou falar um pouquinho do Centro Paula Souza, e depois a gente abre para esclarecer as dúvidas dos Srs. Deputados.

Vamos iniciar, Raquel? Eu vou iniciar falando um pouco do cenário da educação profissional no mundo. O Brasil, infelizmente, ainda é um País que dá pouco acesso à formação profissional. Então, vocês têm aí os percentuais de outros países, países mais

desenvolvidos, onde os alunos do ensino médio têm acesso à educação profissional. No Brasil, só 11% dos alunos do ensino médio têm acesso à essa formação.

São Paulo tem um pouco mais, por conta de ter uma instituição como o Centro Paula Souza, que é a maior instituição estadual da América Latina e que tem expandido muito a sua ação. Então, em São Paulo, 14% dos alunos têm acesso. Nós temos países, como Portugal, como Alemanha, onde esses índices são muito maiores, exatamente por conta disso é que os governos têm apoiado.

O governo atual, inclusive, está implantando um grande plano de expansão para a educação profissional, que vem sendo trabalhado pela Secretaria da Educação, mas que também conta com a parceria do Centro Paula Souza.

Pode mudar. Mas o mais preocupante é o percentual de jovens que nem estudam e nem trabalham. Isso é muito preocupante no nosso País. No Brasil, entre os jovens de 18 a 24 anos, quase 36% são os chamados “nem-nem”. Faltam empregos, mas também falta gente qualificada, e isso contribui para que esse percentual seja grande. Inclusive, essa é a realidade, também, de países desenvolvidos, mas o Brasil e a África do Sul são campeões nesse percentual.

E daí a necessidade de ampliar significativamente essa formação. Essas pesquisas são da OCDE, um relatório recém-publicado. O Brasil atualmente tem 8,4 milhões de desempregados, e, desse número, 55% são “nem-nem”. É um número muito expressivo. Sessenta por cento são mulheres e 68% são negros. Essa é a realidade do nosso País.

Vou falar um pouquinho do Centro Paula Souza. O Centro Paula Souza é uma autarquia do governo do Estado. Ela está vinculada à Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação. Até o início desse ano, nós estávamos vinculados à Secretaria de Desenvolvimento Econômico. Como vocês sabem, as universidades foram transferidas para a Secretaria de Ciência e Tecnologia e o Centro Paula Souza também, o que foi conveniente, porque nós vamos estar onde as universidades estão, onde a educação profissional está.

Como eu já disse, ele é a maior instituição estadual de ensino profissional da América Latina e oferece todos os níveis da formação profissional, o que faz com que essa instituição seja muito complexa, porque, além de oferecer um número grande de cursos, nós oferecemos desde a formação básica, que são os cursos rápidos que não exigem escolaridade prévia, em geral cursos oferecidos para desempregados. Então a gente tem essa ação, que é fundamental para o Estado.

Oferecemos a educação profissional de nível técnico, e aí temos, também, duas modalidades. Temos os cursos modulares, que são para jovens que, em geral, já têm o ensino médio completo e vêm para a instituição para obter uma profissionalização. Em geral, são alunos que saem do ensino médio, mas não tem nenhuma profissionalização, e que vem para o Paula Souza para buscar essa profissionalização, e está mais concentrado no período noturno.

Temos o ensino médio integrado ao técnico, aonde os alunos, em três anos, cursam o ensino médio e o Técnico, e saem com as duas certificações. Nessa modalidade nós temos cursos em período integral e temos cursos em meio período. E oferecemos também a formação superior com os cursos de tecnologia. E, também, cursos de pós-graduação. Nós atendemos todos os níveis da educação profissional, e aí está a disposição. Nós temos hoje 228 Escolas Técnicas, 77 Faculdades de Tecnologia e uma ação muito importante do Centro Paula Souza, que levou educação profissional para os municípios menores.

Eu sempre digo que ter uma Etec, ou uma Fatec, é um sonho de consumo de todos os prefeitos. E, às vezes, um prefeito nos procura dizendo assim: “Professora, eu queria uma Etec”. Eu digo: “Quantos habitantes têm seu município?”. “Ah, tem dez mil”. Eu digo: “Ele não comporta uma Etec. Não tem nem a quantidade de alunos do ensino médio, ou do ensino fundamental 2 que demande a implantação de uma escola”.

Mas a gente quer atender. Como é que a gente atende? A gente procura a escola mais próxima e a prefeitura faz conosco um acordo em que ela providencia local, providencia equipamentos e a gente monta lá uma sala descentralizada, que está sob o comando da Etec mais próxima, e essa Etec vai fazer toda a coordenação pedagógica, e é quem vai certificar. E, dessa forma nós temos mais 552 salas descentralizadas, o que nos permitiu levar educação profissional para 363 municípios do estado.

Como é que essas salas descentralizadas acontecem? Elas podem acontecer com o município, uma parceria com os prefeitos. Elas acontecem, também, com a Secretaria da Educação; nós oferecemos educação profissional, já hoje, para 14 mil alunos da Secretaria da Educação. E para os Céus. Foi uma parceria. Os Céus têm uma estrutura muito interessante e, em geral, são ociosos no período noturno. A gente entra nesse período e oferece a educação profissional, os cursos técnicos para a comunidade. Esses são os tipos de parcerias.

Nós temos a nossa estrutura de 16 mil professores, entre Etec e Fatec, e 5.300 servidores, um número que nós consideramos insuficiente para a dimensão do Centro Paula Souza. No ano passado, batalhamos pela autorização de concursos para cargos

permanentes. Conseguimos uma autorização, mas essa foi uma instituição que se expandiu muito e precisa de ajuda para se estruturar melhor, para que a gente possa dar um atendimento adequado à população no que se refere à cargos administrativos. Depois eu vou falar um pouquinho do nosso plano de cargos e salários.

Nós temos a evolução. Nos últimos 20 anos, São Paulo expandiu muito a sua rede de educação profissional. Nós mais do que dobramos o número de Etecs e quintuplicamos o número de Fatecs. Sempre que possível, em parceria com os municípios. Muitas vezes o Município oferece o local, inclusive. O Município constrói o prédio, ele nos ajuda. Sempre a gente procura expandir em parceria, para onerar menos o Estado. Muitas vezes o município tem instalações ociosas. A gente faz a reforma e implantamos. O curso fica sempre por conta do Estado, equipamentos e manutenção da escola.

Essa expansão foi muito interessante, principalmente na Capital. Eu lembro que, se não me engano, foi o governador Serra que, quando entrou, me perguntou: “Laura, por que São Paulo tem poucas escolas na Capital?”. E de fato, tinha. Nós implantamos muitas escolas na zona leste, na zona norte, em todas as regiões da Capital nós implantamos. Na periferia.

E, também, uma coisa que me orgulha muito, orgulha muito a instituição, nós levamos a escola técnica para dentro das comunidades. Heliópolis tem uma belíssima escola técnica, Paraisópolis também, na zona sul, também. Isso foi muito importante. essa ação do Centro Paula Souza para levar educação profissional a quem mais precisa.

E aí vem uma questão que é do Orçamento. Essa expansão foi bem significativa, mas também teve um acompanhamento de investimento, por parte do governo do Estado. Claro que sempre a gente quer mais, eu gostaria que tivesse sido maior, mas obviamente a gente sabe que o Estado tem limitações.

Mas nós, há vinte anos, tínhamos um investimento de 252 milhões de reais, e hoje a gente tem 3 bi. Na realidade, em 22, 2,818 bi, mas a gente teve um valor que foi para restos a pagar, então eu posso dizer que, nos últimos três anos nós tivemos em média três bilhões de orçamento. Está previsto para o ano que vem 3,180 bi, um projeto que já foi encaminhado para esta Casa e que será votado por vocês.

As matrículas se distribuem no ensino modular, aquele que é noturno, e quem em geral são alunos que já tem o ensino médio. A maioria das vagas está na formação do ensino médio integrado ao técnico. É uma formação excelente de três anos, na qual os alunos têm as disciplinas da formação geral e da formação técnica. E temos 90 mil alunos no ensino superior. O ensino médio puro nós estamos extinguindo, porque nós estamos

transformando todo o nosso ensino médio em Ensino Integrado, e temos apenas 7.400 vagas.

O próximo é a distribuição pelos eixos tecnológicos. Tanto nas Etecs quanto nas Fatecs, mais ou menos 60% dos nossos cursos estão nos eixos de gestão e negócio, e informação e comunicação, que são os cursos de TI, hoje, os mais demandados pelo mercado.

A nossa demanda de vestibulinho eu sempre digo que a gente exclui mais do que a gente inclui, porque temos em média 300 mil candidatos e oferecemos 100 mil vagas em todos os períodos, Etecs e Fatecs, o que demonstra que a população gostaria de estar cursando o ensino técnico e Tecnológico, e nós ainda oferecemos um número insuficiente de vagas. E isso certamente foi o que incentivou, e tem incentivado, o governo do Estado a implantar os programas de expansão da educação profissional.

Perfil dos aprovados. Isso eu quero deixar bem claro, porque o Paula Souza tem um estigma que diz assim: “O Paula Souza atende a elite”. Não é verdade. O Paula Souza não atende a elite. Está aí o perfil dos nossos alunos. Nós temos, no perfil dos aprovados, 77% dos nossos alunos da Etec vêm de escola pública, e 30% de escolas privadas. Na Fatec é mais ou menos o mesmo perfil, 70% de escola pública, 30% de escola privada.

Um gráfico que eu gosto muito é o da renda familiar. Metade dos nossos alunos das Etecs têm no máximo três salários-mínimos de renda familiar, e até 81%, cinco salários; isso é renda familiar. É uma renda baixa. Quem atua nas Fatecs, os deputados que conhecem mais as nossas escolas sabem da dificuldade que as famílias têm para manter seus filhos na escola, e por isso procuram cursos de bom nível, cursos de qualidade, e que sejam gratuitos. E é esse público a quem o Centro Paula Souza atende.

Aí a gente tem indicadores de qualidade. Vocês sabem que as instituições são avaliadas por provas externas. Nós temos o Ideb e temos o Enem. E o nosso desempenho é muito bom nas duas. No Ideb, entre as 90 melhores escolas públicas do Brasil, 35 são Etecs. Mais de 30% das melhores escolas públicas do Ideb são de São Paulo, são do Centro Paula Souza.

No Enem, entre as 100 melhores escolas públicas, 64 são do Centro Paula Souza. Acho que é uma instituição da qual São Paulo tem muito a se orgulhar, e isso é fruto de um trabalho sério das nossas escolas, dos nossos professores. A nossa seleção é uma seleção rigorosa, para que o professor venha a atuar no Centro Paula Souza, e são professores para quem a gente oferece cursos de capacitação e que são cobrados, toda a

nossa ação é planejada, é supervisionada, exatamente para garantir esse padrão de qualidade.

E esse é um resultado muito interessante do Pisa. Vocês sabem que o Pisa é uma prova internacional, aonde todos os países se submetem a ela. Porque eu tenho resultado só de 2018? Porque, de lá para cá, eles não divulgaram mais os resultados, nem da rede privada e nem dos países da OCDE. Nós não pudemos fazer comparações mais, e esse é um quadro comparativo.

Esse quadro mostra que o Pisa escolheu uma amostragem, no Centro Paula Souza, com 30 escolas, e o nosso desempenho foi superior ao das escolas privadas do Brasil, ao das escolas públicas do Brasil e o do dos países da OCDE. O Centro Paula Souza teve um desempenho que superou muitos países desenvolvidos que foram integrados, foram inseridos, no Pisa.

Esse é um resultado que muito nos orgulha, e eu preciso dizer para vocês que um dos resultados que mais nos orgulhou foi o da Etec do Jardim Ângela. Vocês sabem o que é o Jardim Ângela ter um desempenho maior do que o dos países da OCDE. Isso mostra que quando a gente insere jovens em um sistema educacional sério, esses jovens correspondem. Esses jovens respondem às nossas exigências.

Na questão da empregabilidade, a empregabilidade do Centro Paula Souza é boa. Nas Fatecs, essa é uma pesquisa que a gente realizou em 2023, com 91% de empregabilidade nas Fatecs e 77% nas Etecs. Aí está a formação continuada, que são os cursos rápidos. Esses cursos rápidos são sempre demandados, nós não temos recurso para fazer isso.

A Secretaria de Desenvolvimento nos contrata para fazer o Via Rápida, o Fundo Social nos contrata para oferecer cursos, já tivemos a Fundação Casa nos contratando, a Secretaria da Justiça nos contratando. Nós somos sempre contratados para ações planejadas pela Secretaria, e o Centro Paula Souza executa, ou nas nossas escolas ou em laboratórios móveis.

O Centro Paula Souza tem 29 carretas muito interessantes, que levam qualificação básica para os municípios. Como é que isso acontece? Os prefeitos procuram a Secretaria de Desenvolvimento, e nós executamos com professores da instituição.

Foi um investimento bem interessante, e aí nós temos carretas de beleza pessoal, culinária, hotelaria, manutenção de motos, automação. São 29 carretas que vão para os municípios, e lá essa qualificação é oferecida. Temos inúmeros convênios com as empresas. Todos os cursos no Centro Paula Souza, sempre que possível, construímos em

parceira com o setor produtivo. Isso é fundamental para que a gente ofereça um curso atualizado, e para que as empresas demandem esse profissional.

Vou dar um exemplo para vocês, vamos implantar a Fatec de Marília. Qual é a vocação regional de Marília? Nestlé e Marilan. “Nestlé, vocês querem construir o currículo desse curso com os especialistas do Centro Paula Souza?”. “Sim”. E assim nós montamos o currículo com duas empresas parceiras, e isso é muito bom, porque quando elas precisam de um profissional, elas sabem exatamente quais são as competências desenvolvidas por esse curso, e isso gera empregabilidade.

E assim nós fizemos inúmeros cursos, sempre respeitando a vocação regional. Por exemplo, temos um curso com a Fundação Roberto Marinho, temos um curso com a Globo. Aliás, é um prédio ao lado da Globo, na Berrini, e lá nós oferecemos o curso de Produção de Vídeos. Tem muito apoio da Globo, e esse currículo foi feito em parceria. Isso nós temos em inúmeros municípios. Isso nos aproxima do setor produtivo.

Nós temos de estar próximos do setor produtivo, porque é o setor produtivo que emprega nossos alunos. E isso nos permite a oferecer cursos sempre atualizados. Não é só a formação, mas também, de 5 em 5 anos, nós temos que reformular nossos currículos, e sempre que possível a gente convida o setor produtivo para isso.

Por isso nós temos inúmeros convênios. Nós temos uma agência de inovação que desenvolve muitas ações importantes. Nós temos a escola de inovadores, que capacita não só alunos do Centro Paula Souza, mas também, da comunidade. Eles promovem cursos onde os alunos são orientados a elaborar projetos, sempre com a parceria do setor produtivo. E isso reflete num número de projetos muito significativo.

Aliás, Paula Souza tem um diferencial. Sempre me perguntam: “Qual é o diferencial do Paula Souza?”. E eu sempre digo: “O nosso aluno aprende a elaborar projetos. O nosso aluno trabalha com projetos durante todo o curso”. E isso viabiliza o desenvolvimento das competências socioemocionais. Então o nosso aluno sabe trabalhar em grupo, tem um perfil de criatividade, inovação, empreendedorismo. Tudo isso é desenvolvido com a metodologia de aprendizagem com projetos. Isso é fundamental, porque é isso que o aluno vai fazer no setor produtivo.

Aí vem uma relação, o resultado de nossa escola de inovadores. 80 mil participantes, 400 CNPJs criados, 50 projetos incubados e acelerados, e projetos, também, mantidos por captação externa. A captação externa é um setor que a gente ainda está iniciando, é uma coisa que a gente tem que desenvolver.

Nós, no ano passado, fomos elevados ao patamar de CT, e isso vai nos permitir mais parcerias, é uma condição jurídica que nos permite ampliar as parcerias e trabalhar na captação de recursos. Essa é uma meta nossa que ainda está muito no início, mas que nós pretendemos desenvolver. Têm aí alguns cases de sucesso. Nós temos uma parceria muito interessante com a Jacto, que é o curso de manutenção da agricultura de precisão. Como é que isso aconteceu?

A Jacto nos procurou e disse: “Eu fabrico um trator de um milhão. Não tem quem opere, não tem quem faça a manutenção. Professora, o que a gente pode fazer?”. Eu digo: “Construir um curso. Vamos lá, elaborar uma parceria”. A Jacto ofereceu toda a sua estrutura, então os laboratórios da nossa escola são os laboratórios da empresa. Eles dão apoio, inclusive, na orientação de estagiários, na contratação de profissionais. Aí, nós implantamos o Big Data do agronegócio, que é um curso bem inovador.

Agora nós estamos implantando, também, em outras Fatecs, e, também, com uma metodologia diferenciada. Os nossos alunos trabalham projetos em cima dos problemas apresentados pela empresa do setor. Uma empresa do setor tem um problema, ela encaminha esse problema para a escola, e os nossos professores, com os alunos, desenvolvem essa solução.

A gente tinha previsto uma atividade dessa por semestre, organizamos isso com a empresa logo no início da escola. Os alunos foram tão eficientes, tão rápidos, que em dois meses eles chegaram à solução, e hoje nós dobramos o número de atividades.

Mas isso requer uma capacitação de professores, um envolvimento dos professores e uma aproximação do mercado para que a gente chegue a essa solução. Isso é fundamental. Eu digo que isso é muito a nossa missão, é apoiar o setor produtivo. Por que apoiar? Porque senão, a gente também não apoia o desenvolvimento econômico desse Estado.

Então, por isso essa metodologia vem sendo implantada cada vez mais. Em Barretos, nós montamos um curso na área de gestão hospitalar, em parceria com o Hospital do Amor, em Barretos. Aliás, esse curso foi implantado a princípio dentro do hospital, e agora a prefeitura adequou um prédio, e nós estamos num prédio da prefeitura.

Bebedouro, também, com a Coopercitrus, que no seu campo de pesquisa também implantou uma escola, com o curso de Big Data do agronegócio, tanto no técnico, quanto no tecnológico. Estamos implantando agora, muito legal esse projeto, um curso de tecnologia com o HC. É uma formação que a área médica sente falta, e não existe em nenhuma das Universidades, que é o de Ciência de Dados aplicada a saúde. Nós estamos

elaborando com eles esse curso, que vai ser implantado dentro do hospital do HC, em Perdizes.

Aqui é um assunto sobre o novo ensino médio. Eu gostaria muito que a Bebel estivesse aqui, porque ela tem batalhado muito nessa questão do ensino médio. Mas nós tivemos uma reformulação do ensino médio onde foram implantados, vou dizer para vocês o que está vigente.

Tem um novo projeto que agora foi encaminhado para a Câmara dos Deputados, mas o que está vigente, hoje, é um curso que tem 1800 horas de formação geral, mais 1.200 horas de formação técnica, e com os itinerários formativos. Então, nós temos o itinerário de ciências da natureza, linguagens, ciências humanas, matemática e o quinto itinerário, que é o de formação técnica.

Isso para nós foi muito bom, porque insere a formação técnica nas novas propostas do ensino médio, e a que está sendo encaminhada agora, pelo Governo Federal, mantém o quinto itinerário de formação técnica. Só que ele agora propõe itinerários diferenciados, que envolvem as várias áreas do conhecimento.

A diferença, que está nos preocupando um pouco, mas acho que isso vai ser conversado, é que o que será definido para a formação técnica não são mais 1200 horas, e sim 900 horas. A nova proposta fala de 2400 horas para formação geral e 600 para educação profissional, o que é muito pouco. Mas a lei também permite que, no caso de instituições de formação profissional, a proposta seja de 2100 horas de formação geral e mais 900 de educação profissional.

E agora eu quero falar rapidinho, para vocês, de um projeto que é o nosso grande projeto. É um projeto realmente inovador. Nós temos escolas de educação técnica e temos faculdades de tecnologia. Então, nós propusemos um curso verticalizado de cinco anos, onde o aluno sai com a certificação do médio, do técnico e do tecnológico. Por quê? Analisando as propostas curriculares, nós percebemos que muitos conteúdos dos técnicos eram também ministrados no tecnológico.

Então, quando a gente faz uma proposta verticalizada, a gente tira esse sombreamento. E aí foi possível elaborar uma proposta com todos os níveis de formação em cinco anos, desde que se tenha uma empresa parceira. E a empresa parceira é responsável por 200 horas desse currículo, seja com mentorias, seja com visitas, seja com formação dentro da empresa. Então, é uma proposta muito inovadora.

Ela já está em 30 Fatecs e a gente pretende implantar na instituição toda. Nós vamos ter um aluno sangue puro. Ele entra no primeiro ano do médio e sai no último ano do

curso de tecnologia tendo essa orientação de uma ou duas empresas parceiras. Parte do curso acontece e permite essa vivência no mercado de trabalho.

Isso não foi ideia nossa. A IBM já fazia isso em vários países e escolheu o Centro Paula Souza para essa experiência no Brasil. Deu muito certo e nós implantamos essa articulação médio-superior, a gente chama de AMS, em todo o Estado. Sempre concursos do mesmo eixo tecnológico, se possível no mesmo município.

Se eu tenho em Presidente Prudente o curso superior em agronegócio, e tenho o curso técnico em agronegócio, vamos integrar, e aí esse aluno vai ter uma super formação, porque ele tem formação geral, técnica e formação tecnológica na instituição. Nós temos, também, a nossa internacionalização, onde há muitas parceiras com outros países, e temos um projeto muito interessante que é o de intercâmbio cultural.

Nós estamos levando nesse ano, 332 alunos e 17 monitores para os EUA e Irlanda. Qual é o critério para que esses alunos sejam selecionados? É o melhor aluno de cada escola. Ele tem um prêmio. Esse prêmio é um mês fora aprendendo inglês. Também temos algumas turmas que vão aprender o espanhol.

Esse intercâmbio é um sucesso, porque às vezes a gente leva o melhor aluno de Rio das Pedras, um município pequenininho, a ter a chance de ir para um outro país por um mês para estudar a língua. Temos inúmeros depoimentos desses alunos sobre o quanto isso fez a diferença na trajetória profissional desses alunos.

Também estamos aplicando testes de proficiência do Inglês, o que é muito bom para o currículo deles. Para o Toeic, que é um teste para essa proficiência, o aluno teria que pagar, mas nós estamos oferecendo gratuitamente. Então, além do seu currículo, ele ainda sai com proficiência na língua inglesa. Temos 774 alunos fazendo coreano nas escolas, também é uma parceria com o Consulado da Coreia.

Nós temos uma escola de gastronomia no centro de São Paulo, ali onde está a sede do Centro Paula Souza, na Santa Ifigênia, que foi uma parceira com o governo italiano. Gostaria muito que vocês conhecessem. É um curso muito bem montado. E, agora, na parceria com o Consulado da Itália, oferecemos o italiano para esses alunos. São inúmeras parcerias.

Os nossos programas de capacitação profissional capacitam, em cinco anos, mais de 70 mil servidores. Esse é um programa que faz parte da nossa estrutura. E, também, temos oferecido a formação pedagógica, porque a gente tem muitos engenheiros que vêm para o curso de eletrônica sem nenhuma formação pedagógica, e o Centro Paula Souza organiza essa formação, e os professores podem obter uma licenciatura.

Tivemos muito investimento para transformação digital, mas precisamos de muito mais. Nós implantamos a sala Maker nas escolas. São laboratórios fantásticos. OS alunos estão muito animados, porque é um ambiente de criatividade, onde eles desenvolvem projetos e têm acesso a novas tecnologias. Temos um programa de *compliance*, também, com todas as instituições.

Temos o PDDE, que é o Dinheiro Direto para a Escola, um projeto votado aqui nesta Casa, que nos permite encaminhar recursos para as associações de pais e mestres que têm autonomia e definem as prioridades da escola e podem investir. Temos aí, já previstos para esse governo a implantação de 18 novas unidades. Seis já foram implantadas nesse ano, e nos próximos três anos de governo teremos ainda a implantação de mais doze unidades. Essa apresentação fica aqui, deputado. E vocês terão acesso.

Agora, eu quero falar um pouquinho do que são as nossas propostas de melhoria. O que a gente quer fazer e provavelmente alguns projetos passem por aqui para que vocês nos ajudem. Primeiro, estamos formulando, já em fase final, o nosso novo plano de cargos e salários.

Paula Souza tem muita dificuldade na contratação de professores, isso eu preciso abrir para vocês. Porque o nosso salário inicial é pequeno em comparação ao mercado. Isso tem uma história, não é uma realidade de agora, mas o salário inicial dos nossos professores, hoje, depois de aumentos, é em torno de 5.100 reais. Vocês imaginem se eu consigo trazer um professor de TI, um professor da área de automação pagando 5.100 reais.

Se vocês me disserem: “Qual é o impedimento para expandir a educação profissional?”. Eu vou dizer que é esse. Nós poderíamos estar atendendo muito mais alunos da Secretaria da Educação se nós tivéssemos mais professores no nosso quadro, o que tem sido difícil.

Então, as nossas escolas, muitas vezes abrem concurso, não tem candidatos, ela fecha o concurso. Essa é uma dificuldade. O governo está a páreo, já conversei sobre isso com o governador Tarcísio. É uma coisa que vai ter que ser pensada, expandir a educação profissional tendo uma remuneração que não concorre com o mercado, fica muito difícil.

Por exemplo, as empresas da área de TI, se vocês perguntarem para elas quantas vagas elas têm, é um número absurdo. E eles dizem para mim: “Professora, precisamos formar nessa área”. Mas como é que a gente forma sem bons professores? Esse é um gargalo. Por isso nós estamos elaborando um novo plano de cargos e salários, onde a

gente vai propor um patamar um pouco mais alto para o inicial dos professores de Etecs e Fatecs.

O nosso parâmetro será o do professor da Secretaria da Educação que está na PEI. O professor da Secretaria da Educação que está na PEI, hoje tem um inicial de 7000 reais, tanto que a PEI rouba professores do Centro Paula Souza, porque eles têm uma melhor possibilidade salarial. Nós vamos tentar um inicial que se equipare, e aí a gente vai ter condições de trazer professores.

Para nós é interessante que o professor não seja um professor que saia da universidade e venha para o Centro Paula Souza. É interessante que ele tenha uma experiência no mercado, porque assim ele vai trazer a realidade e as competências de fato exigidas pelo setor.

Também, na nossa carreira, nós não tínhamos a possibilidade da jornada. O nosso professor é horista. Nós vamos viabilizar que os professores que queiram possam optar pelo regime de jornada. Nós vamos fazer isso gradativamente, porque nós sabemos que a hora que a gente implantar a jornada, a gente reduz a carga horária do professor e eu vou precisar de mais professores.

Precisando de mais professores a gente corre o risco de não ter professores suficientes para atender aos nossos alunos, e por isso nós vamos fazer isso gradativamente. Mas nós estamos abrindo essa possibilidade e também, propondo um número maior de professores e de cargos para o administrativo, que hoje é muito deficiente.

Quer dizer, nós fizemos poucos concursos, e eu estou falando de cargos permanentes. Nós fizemos poucos concursos para toda a expansão que o Centro Paula Souza teve nos últimos 20 anos. Acho que nenhuma instituição nesse Estado cresceu tanto quanto o Centro Paula Souza, e nós temos que dar sustentação para isso. Também, investimentos para a transformação digital. A gente sabe que esse é um setor...

O Centro Paula Souza tem muitos laboratórios de informática, muitos. Mas eles devem ser atualizados. Uma máquina que, hoje, tem cinco anos, já está obsoleta. Nós precisamos sempre estar fazendo essa substituição, assim como aplicativos, softwares específicos. A capacitação de docentes, também para atender pessoas com deficiência. Hoje, o Centro Paula Souza faz um bom atendimento. Nós contratamos uma empresa para que os deficientes, as pessoas com deficiência sejam bem atendidas, mas nós queremos capacitar o corpo próprio também.

Estamos implantando, reformulando os currículos. Tem que entrar inteligência artificial, tem que entrar internet, têm que entrar todas as novas tecnologias nos nossos currículos, e isso já está acontecendo. É uma meta nossa, já estamos reformulando. Eu falei para vocês, a estrutura de captação de recursos externos, que é uma coisa que nós também temos que trabalhar, porque trazer recursos externos é importante.

Além de nos aproximar de ambientes de inovação, nós também trazemos mais recursos para a instituição e podemos oferecer melhores condições de laboratórios. O Centro Paula Souza ainda tem deficiências em ABCB e acessibilidade. Nós temos um plano para os próximos quatro anos, para melhorar essa situação das escolas. E, também, o atendimento psicológico. Nem preciso dizer isso para vocês. Depois da pandemia essa situação é muito preocupante.

A gente atende o jovem, essa fase da adolescência em que o número de jovens com depressão aumentou muito. Aumentou muito. Isso é um risco. Nós já temos uma parceria com a Sociedade Brasileira de Psicanálise, aliás um trabalho voluntário da Sociedade Brasileira de Psicanálise. É um pessoal muito bom que capacita os nossos orientadores educacionais, e outros professores voluntários, para que se desenvolva o que a gente chama de escuta na escola.

Nós temos que ouvir os jovens, nós temos que ter rodas de conversa nas nossas escolas. A gente tem uma proximidade com os estudantes que nos procuram e essa é uma questão muito delicada, que me preocupa muito. A gente viu o que aconteceu nesses dois últimos dias. Isso é resultado das questões que envolvem o psicológico dos nossos alunos, e nós temos que cuidar. Essa também é uma das nossas metas.

Acho que não esqueci de nada. Basicamente é isso. Eu quis trazer para vocês uma visão. O Centro Paula Souza tem dois sistemas de avaliação. Um é o website, onde o aluno avalia a escola. Os professores avaliam a escola. Todo ano a gente aplica esse questionário. E o outro é o observatório onde profissionais nossos visitam as escolas, para levantar quais são os problemas e nos permitir um plano de ação para minimizar as deficiências que a instituição tem. Esses dois sistemas de avaliação são muito importantes para a gente poder melhorar. A questão da bonificação também leva em conta o desempenho, para que a gente estimule sempre uma melhoria contínua da instituição.

É isso basicamente. Não sei se me alonguei muito, mas falar de uma instituição desse tamanho, em pouco tempo, é delicado.

O SR. PRESIDENTE - MAURO BRAGATO - PSDB - Professora, queríamos agradecer por sua fala. Como sempre, muito competente. Quero passar a palavra ao deputado Giannazi. Dez minutos.

O SR. CARLOS GIANNAZI - PSOL - Bom dia, deputado Mauro Bragato, deputados. Professora Laura Laganá, muito obrigado pela explanação que a senhora fez em relação ao funcionamento das nossas Etecs e Fatecs, e dizer que nós somos ardorosos defensores do Centro Paula Souza, que oferece através das Etecs e Fatecs o ensino técnico e tecnológico no Estado de São Paulo. Inclusive, agora nós vamos ter a aprovação do orçamento para 2024, e já apresentamos emendas aumentando ainda mais esse valor. Nós fazemos isso o tempo todo.

A SRA. LAURA LAGANÁ - Eu sei, eu sei e agradeço.

O SR. CARLOS GIANNAZI - PSOL - O importante agora é que a base do governo aprove as nossas emendas, porque a nossa parte estamos fazendo para que haja mais investimento, sobretudo na valorização dos professores e professoras e dos servidores do Centro Paula Souza. Valorização salarial, funcional, melhoria das condições de trabalho. A senhora já colocou alguns pontos que eu viria perguntar, mas o principal aqui seria a revisão da nova carreira.

A SRA. LAURA LAGANÁ - Isso.

O SR. CARLOS GIANNAZI - PSOL - Revisão e atualização da carreira. Houve uma greve recente. Eu até participei de uma das assembleias.

A SRA. LAURA LAGANÁ - Eu vejo todos os seus vídeos.

O SR. CARLOS GIANNAZI - PSOL - É mesmo? Eu participei, apoiando como sempre fiz. Estou aqui no quinto mandato e sempre apoiei as lutas dos servidores e dos professores do Centro Paula Souza. Mas, no entanto, parece que o projeto não foi apresentado, ainda, de revisão. Houve um acordo com o sindicato, uma reunião. Tem previsão? Quando que o Centro Paula Souza vai apresentar esse projeto de revisão?

A SRA. LAURA LAGANÁ - Inclusive a gente tem conversado isso com o sindicato. Ela estava praticamente pronta e aí veio o projeto para cá, dos cargos em comissão. Vocês receberam.

O SR. CARLOS GIANNAZI - PSOL - Esse da reforma administrativa, mas ele não tem nada a ver com os servidores do Centro Paula Souza.

A SRA. LAURA LAGANÁ - Tem, deputado, porque o nosso plano não traz só os cargos permanentes, traz também os cargos em comissão. O diretor de escola é um cargo em comissão. O diretor de serviços é um cargo em comissão. Na instituição, nós temos vários coordenadores pedagógicos. A carreira é um todo. Mas o que, eu até já disse isso para o sindicato, os valores que estavam sendo propostos por nós são muito próximos do que o governo está propondo.

Então, o ajuste não vai ser complicado. O que nós não sabemos ainda? Aliás, eu quero manifestar, a princípio por aquilo que eu li, a reforma administrativa é interessante. Ela eleva o patamar do salário dos cargos em comissão. Eu não sei como é que vai ser isso em relação aos cargos permanente, mas vai nos permitir trazer gente com melhor perfil para alguns postos da instituição.

Mas, por exemplo, a gente não sabe ainda quantos cargos vão estar reservados para o Centro Paula Souza, e nem sei se nós é que definimos ou se é o governo que vai definir isso para nós. Mas, de qualquer forma, dentro daquilo que já estava definido, é só fazermos uma adequação dessas faixas salariais.

Eu estou pedindo para que em 15 dias a gente possa apresentar isso para a comunidade já com essa adequação, e aí ela vai para a Secretaria de Ciência e Tecnologia, vai para todas as instâncias do governo até que chegue aqui. Foi um trabalho difícil. A princípio, até o sindicato fez parte da nossa comissão, nós o convidamos, depois teve discordância e eles saíram.

Mas a gente vem formando sempre, por exemplo a questão da jornada foi uma luta do sindicato, que eu a princípio estava muito temerosa, por isso eu disse: “Não que eu seja contra a jornada, é que a jornada demanda a contratação de mais pessoas”. Como a gente tem dificuldade na contratação, eu tenho medo de que meu aluno fique sem aula. Então eu resisti muito a isso, porque uma situação de aluno sem professor é drástica. Por isso, depois a gente conversou, e está fazendo isso gradativamente. O sindicato, também, concordou. Mas ela já está em fase final.

O SR. CARLOS GIANNAZI - PSOL - Uma outra questão que eu queria perguntar à senhora, é em relação à contribuição do INSS. Há um desconto na folha de pagamentos e todos os professores e servidores, mas, no entanto, para onde está indo esse dinheiro? É um problema que também acontece com a Secretaria da Educação, que tem 100 mil professores categoria “O” contratados em um sistema precarizado, pela Lei nº 1.093, que estão vivendo a mesma situação.

Pior ainda, porque o professor categorial não tem direito ao Iamspe. E como o Estado não está informando o INSS em relação a essas contribuições, esses professores não têm direitos nem ao INSS. E o mesmo está acontecendo com o Centro Paula Souza com os professores e os servidores. A pergunta é: para onde está indo o dinheiro da contribuição dos servidores?

A SRA. LAURA LAGANÁ - Não, eu vou lhe explicar. O Paula Souza, aliás, esqueci de dizer isso. Nosso professor é contratado pela CLT, não é um professor estatutário. A gente entra na regra do eSocial. No Estado não são muitas instituições que são CLTistas. Eu tenho acompanhado de perto, porque essa questão é séria. Sempre é gente perguntando.

Eu fui até à Secretaria da Fazenda e disse: “Olha, eu estou preocupada. Nós temos que nos adequar ao eSocial, às regras. Eu quero saber se o governo vai fazer isso, se nós fazemos isso”. E isso não andou, e eu decidi que nós faríamos por conta própria, deputado, e começamos a desenvolver com as pessoas da casa esse sistema. Ele está regularizado até 2022, tudo foi pago. Isso já está acertado, e é até o fim do ano. E

Eu fiz uma reunião com eles há na semana passada, e até o final do ano nós vamos regularizar até o momento. Nós estamos levando a sério, estamos pagando regularmente. Mas tem um mecanismo no sistema que nós temos que fazer essa adequação. Então, o Paula Souza saiu na frente exatamente porque a nossa preocupação era que nós temos 20 mil CLTistas, e como é que a gente vai fazer?

Esse povo tem que se aposentar. Ele não pode ter esse vazio no momento da sua aposentadoria. O que me foi dito é que até dezembro, janeiro, nós vamos ter tudo regularizado. Mas hoje, a gente tem até setembro ou dezembro de 2022. Esse ano é que nós estamos trabalhando para 2023.

O SR. CARLOS GIANNAZI - PSOL - Eu estive, recentemente, na superintendência do INSS aqui em São Paulo. Falei com o superintendente em uma audiência, e ele me disse que o Estado não estava informando o INSS da contribuição.

A SRA. LAURA LAGANÁ - Nós estamos. Nós estamos. Eu lhe garanto isso. Estamos e estamos pagando por um sistema próprio, nós que desenvolvemos. Eu falei: “A gente até vende, para quem precisar a gente ensina”. Mas nós não podemos, porque são todos CLTistas. Na educação a maioria é estatutário, mas eles têm de fato professores O.

O SR. CARLOS GIANNAZI - PSOL - Tem 100 mil professores de categoria “O” nessa situação.

A SRA. LAURA LAGANÁ - Eu tinha esquecido do professor “O”. Então para mim era só o Paula Souza que tinha esse problema, por isso eu fiquei muito tensa. E aí, quando eu vi que começaram as notícias, eu falei: “Nossa, isso é com o Centro Paula Souza”. E aí era com a Secretaria da Educação, com os professores “O”. Eu acho que eles estão trabalhando isso, também, porque é um ponto muito sério. Muito sério. Mas nós estamos pagando e estamos informando, fique tranquilo.

O SR. CARLOS GIANNAZI - PSOL - Eu sei que o meu tempo está se encerrando, deputado Mauro Bragato, mas só mais duas questões. A primeira é em relação ao pagamento do piso nacional do magistério. Nós temos aqui informações de que há uma parcela que não recebe.

A SRA. LAURA LAGANÁ - Uma categoria.

O SR. CARLOS GIANNAZI - PSOL - Uma categoria.

A SRA. LAURA LAGANÁ - Ainda tem uma categoria.

O SR. CARLOS GIANNAZI - PSOL - Que não recebe ainda o piso nacional, ou, se recebe, é por abono complementar, que é ilegal pela Lei nº 11.738, que institui que o piso nacional é o salário cheio, não pode ser pago por abono complementar.

A SRA. LAURA LAGANÁ - Mas o Estado definiu que é por abono.

O SR. CARLOS GIANNAZI - PSOL - Mas não pode. Na verdade, é ilegal. Nós, inclusive, acionamos o Ministério Público e o Tribunal de Contas, em relação à essa irregularidade do Estado, que infelizmente acontece também na Secretaria da Educação. A nossa luta é que o piso seja pago com repercussão...

A SRA. LAURA LAGANÁ - Mas lá regularizou, não regularizou?

O SR. CARLOS GIANNAZI - PSOL - Não, também não, paga com abono na Seduc e sem repercussão na carreira, que é um erro, também. Então, tem uma parcela que não recebe, é isso?

A SRA. LAURA LAGANÁ - Ela é bem pequena. Ela é bem pequena, mas ainda não está recebendo. O processo está lá, em vias de aprovação e as pessoas vão receber todo o retroativo.

O SR. CARLOS GIANNAZI - PSOL - E, por fim, tem uma questão gravíssima que estamos acompanhando, que é a contratação precarizada de professores. Um ano de contrato, e o contrato depois é prorrogado por só mais um ano.

A SRA. LAURA LAGANÁ - É CLT, deputado.

O SR. CARLOS GIANNAZI - PSOL - Vocês querem implantar a categoria “O” no Centro Paula Souza, é isso?

A SRA. LAURA LAGANÁ - Não, sempre teve.

O SR. CARLOS GIANNAZI - PSOL - Mas me parece um número muito grande.

A SRA. LAURA LAGANÁ - Por sermos CLTistas. Está diminuindo, é isso que eu digo. Que a gente conseguiu fazer um concurso de professores. Nós já estamos encaminhando um pedido para que esse número aumente. Agora, sempre vai ter essa

contratação por prazo determinado. Por que sempre vai ter? Eu sou uma professora do sistema, sou professora de matemática da Etesp. Estou na superintendência.

As minhas aulas estão lá, reservadas para mim, quando eu sair da superintendência eu volto para lá. Essas aulas não podem ser oferecidas em caráter permanente para ninguém, porque elas são em substituição. Nós temos muitos professores atuando em outros projetos. Então, isso sempre vai existir.

Mas a gente quer que seja o menor número possível, para nós também é muito ruim, deputado. Porque quando a gente oferece, faz um concurso por prazo determinado, ele não é atrativo. Ninguém quer vir para ficar um ano, para daí ter uma prorrogação de um ano. O ideal é que a gente tenha um quadro de permanentes, mas o quadro sempre é aprovado pelo governo do Estado, a gente solicita.

Às vezes a gente tem aprovação e às vezes a gente não tem. Nós ainda temos um percentual de professores contratados por prazo determinado, e a gente está fazendo uma nova solicitação para que tudo isso seja sempre substituído por cargos. Porque a despesa é a mesma, a despesa é a mesma.

O SR. CARLOS GIANNAZI - PSOL - E por fim, professora, a última pergunta é sobre a contratação de funcionários. Tem um déficit enorme no Paula Souza, inclusive há uma sobrecarga para os servidores que já estão trabalhando. Há uma previsão de concurso público?

A SRA. LAURA LAGANÁ - Teve. Nós já fizemos agora, para aproximadamente mil cargos. Eles estão chegando às escolas, o que ameniza um pouco. Mas no nosso plano de cargos a gente está propondo mais. Porque nós tivemos um período muito difícil ano passado. Eu tinha Fatecs, por exemplo, de Franco da Rocha, com três pessoas trabalhando para atender período manhã, tarde e noite. Então, isso sobrecarrega.

Tem uma figura na escola, que é o diretor de serviço, que cuida da parte administrativa. Temos os diretores acadêmicos. Sobrecarregou muito a escola. Então, agora, os funcionários concursados estão chegando, e para os estagiários, que também ajudam um pouco. Mas esse é um grande problema do Centro Paula Souza. Nós tivemos uma perda, no plano de expansão, de 1.800 pessoas, e foram repostas 900 e pouco. Ainda tem déficit, que a gente pretende amenizar com o novo plano de cargos instalados.

O SR. CARLOS GIANNAZI - PSOL - Sobre o primeiro item do plano de carreira dos professores, você foi esperar primeiro a reforma administrativa ser aprovada, ou não?

A SRA. LAURA LAGANÁ - Não. A gente já está fazendo uma coisa mais ou menos adequada, porque se não ela vai voltar. E eu queria, até brinquei ontem com a minha equipe, falei: “Eu queria tanto que o Paula Souza fosse o primeiro a encaminhar a sua proposta”. E, se ela estiver mais ou menos de acordo com a reforma, estou falando em valores, porque a gente não sabe em quantitativos.

Nós vamos fazer uma proposta. Agora, pode ser que o governo entenda que esse quantitativo é muito alto. Vai para a unidade central de recursos humanos, que faz essa análise em comparativo com outras instituições, outras secretarias. Mas eu não quero mandar algo muito diferente, porque ela volta. Por isso a gente está procurando fazer essa adequação.

O SR. CARLOS GIANNAZI - PSOL - Obrigado, professora.

O SR. PRESIDENTE - MAURO BRAGATO - PSDB - Obrigado, deputado. Tem a palavra o deputado Leonardo Siqueira.

O SR. LEONARDO SIQUEIRA - NOVO - Obrigado, presidente. Quero cumprimentar os deputados aqui presentes, o presidente Mauro Bragato e a diretora Laura. Em geral, eu sou bastante crítico quando vem alguns reitores de universidades, etcetera, porque parece que nunca há problemas nas universidades. Está tudo sempre perfeito, os índices são sempre os melhores. Nós temos, obviamente, excelentes universidades, mas que podem sempre ser melhoradas.

Então, eu gosto bastante quando vejo alguém de fato apresentando as dificuldades, e onde a gente pode evoluir. A gente fica muitas vezes nesse debate. Às vezes universidade, muitas vezes ensino básico, e a gente esquece do ensino técnico. E a gente vê que os países que mais deram certo no mundo são países que investiram no ensino técnico.

Eu acredito que, principalmente, no ensino médio. Eu acredito tanto no ensino médio, que eu tenho um projeto de lei que a gente chama “Poupança Escola”, que na verdade já foi testado em vários lugares, que combate a evasão escolar. A evasão escolas é um problema. Então, em nosso projeto de lei, o aluno recebe 700 reais no ano, se ele

terminar o primeiro colegial. 900 reais no ano, se ele terminar o segundo colegial. E, depois, 1.000 reais no ano, se ele terminar o terceiro colegial.

Eu faço doutorado em economia, então estudo bastante a avaliação de políticas públicas. A gente não inventou nada. A gente olhou as melhores práticas, o que acontece. Esse programa já foi testado no Rio de Janeiro, chama Renda Melhor Jovem, e reduziu a evasão escolar em 37%. Se o aluno não está nem indo para a escola, não dá nem para a gente falar sobre nível da educação, sobre a qualidade.

Então, primeiramente, queria parabenizar pelo trabalho nas Etecs e nas Fatecs. Acredito muito, não só por uma convicção pessoal, mas pelos dados e evidências que mostram que a gente precisa valorizar o ensino técnico. Muitas vezes o aluno não sabe que se ele fizer um ensino técnico ele vai ter uma renda maior, ao longo da vida, do que dependendo do curso superior que ele fizer.

A SRA. LAURA LAGANÁ - Com certeza. Já têm pesquisas que mostram isso.

O SR. LEONARDO SIQUEIRA - NOVO - Às vezes ele pega um curso que não é tão bom, que não tem uma boa avaliação. E por essa glamourização do ensino superior, ele deixa de lado o ensino técnico. No fundo, no fundo, a educação serve para conversar com o mercado e ver quais são as necessidades do mercado. Eu vi aqui na apresentação justamente isso.

Gostei muito da fala de que a gente conversa de cinco em cinco anos com as empresas, porque, no fundo, a gente está lá para formar as pessoas para o mercado de trabalho, e muitas vezes a universidade fica ensinando coisas que não têm aplicação prática. Essa orientação voltada de fato ao mercado e às necessidades que existem no mercado, realmente é uma fórmula para o sucesso.

Então, parabenizar para o trabalho de ensino técnico de extrema importância para o país. Quanto mais a gente investir nisso, mais a gente vai conseguir ser inclusivo. E a minha pergunta é como vocês têm combatido a evasão escolar? Não basta, simplesmente, o ensino ser gratuito.

O aluno muitas vezes não tem dinheiro para continuar frequentando a escola e a universidade, e então ele passa a optar por outros trabalhos, não porque ele não vê valor naquilo, mas porque ele precisa sobreviver. Por isso o nosso projeto de lei de dar um valor, 700 reais por ano, não é nada comparado com uma política pública. Se a gente

pensar, 1.700 reais, 1.800 reais é o preço de uma pessoa no presídio por mês. A gente está falando de 700 reais por ano.

E é aquilo, o custo de se educar alguém é muito mais baixo do que o custo de não se educar alguém. Então, obviamente, a política pública custa, só que custa muito menos do que se a gente não educar o jovem para a sociedade. Então, como é que o Centro Paula Souza tem lidado com essa questão da evasão? De novo, parabéns pelo trabalho.

A SRA. LAURA LAGANÁ - É um problema sim, deputado. A questão da evasão, a gente estuda muito no Centro Paula Souza. Tem uma questão de adequação. Vou falar um pouquinho das Fatecs. Você recebe um aluno que tem esse perfil que mostrei para vocês. Às vezes alunos que não estudam há muito tempo. Ele entra no primeiro ano da Fatec e se depara com cálculo, com física. Ele não traz um pré-requisito que lhe permita acompanhar o curso. Isso, também, é um fator de evasão.

É o que você disse, eu não vou esconder de vocês nada, a gente sabe disso. Eu brinco sempre, nós temos que cuidar da questão pedagógica, nós temos que cuidar do acolhimento desse aluno. Eu brinco, eu digo assim: “Ninguém sai do filme se o filme é bom. Ninguém sai do cinema se o filme é bom”. Ele pode sair porque ele não está se adequando, ele pode sair porque ele faz a escolha errada. Às vezes ele acha: “Eu vou para o curso de mecânica”. Chega e se depara exatamente com isso. Com muita física, muita matemática, e ele não se adequa.

Mas também nós temos um problema muito sério de alunos que não tem ajuda para se manter no curso. Eu estou falando isso para vocês porque para todo governador eu digo a mesma coisa: “Não é justo porque as universidades oferecem ajuda para os alunos de nível socioeconômico mais baixo”. USP, Unesp, Unicamp têm a bolsa para transporte. O Paula Souza não tem nada. Nossos alunos de Fatec não têm nenhum apoio financeiro.

Esse é um problema, sim. Esse é um problema, sim. Não que os da Etec não precisem, mas a minha evasão maior é nas Fatecs, e isso ocorre exatamente e muito por conta desse não apoio. São pessoas mais velhas que sustentam família.

Eu, agora, faço uma campanha com os prefeitos, para que eles ofereçam alimentação para os alunos de Fatec, porque é um aluno que às vezes vem do trabalho e não se alimenta. Claro que a lei define que é para a Educação Básica, e não para o Ensino Superior, mas eu choro para os prefeitos e alguns estão até nos ajudando nesse sentido.

Mas eu gostaria muito que o Cento Paula Souza tivesse a possibilidade de ajudar os nossos alunos. Eu não tenho dúvida de que isso reduziria a evasão. Porque sempre que

um aluno deixa a escola, a gente tem o trabalho de dizer: “Por que você deixou? Por que você está abandonando o curso?”.

E, para muitos deles, a questão é financeira, porque o perfil do nosso aluno é um perfil de renda familiar baixo. Essa é uma questão que a gente já trabalhou, já teve até uma lei aprovada por vocês e depois não foi regulamentada. Mas ela atingiu um número muito pequeno, só 1% dos alunos.

A gente quer mais, porque esse apoio tem que ser oferecido. A Universidade tem um percentual vinculado do ICMS, então ela tem mais liberdade para poder oferecer e implantar esse programa. Mas eu te apoio, porque, de fato, essa questão financeira, esse perfil socioeconômico, ele contribui para evasão.

Não é só isso, viu, deputado? A gente sabe que a gente precisa cuidar da parte pedagógica, precisa cuidar do acolhimento, mas isso também influi

O SR. LEONARDO SIQUEIRA - NOVO - Obrigado, gestora.

O SR. GERSON PESSOA - PODE - Eu quero parabenizar a apresentação. No meu ponto de vista, ela estava muito de encontro ao que o nosso amigo Leo apresentou aqui. Sem dúvida nenhuma, essa parceria pode existir, acho que a senhora mencionou que há município que já estabelecem parceria com o governo do Estado.

Acho que é muito importante justamente porque o público-alvo é o público mais vulnerável, né? Então, encontrar maneiras para minimizar um pouco dessa dificuldade que eles enfrentam no dia a dia, acho que é fundamental. Parabéns pela apresentação.

A SRA. LAURA LAGANÁ - Muito obrigado, deputado.

O SR. PRESIDENTE - MAURO BRAGATO - PSDB - A nossa Laura Laganá vai fazer as considerações finais, e vamos encerrar a reunião.

O SR. - (Inaudível.)

A SRA. LAURA LAGANÁ - Tudo bem?

O SR. - (Inaudível.)

O SR. PRESIDENTE - MAURO BRAGATO - PSDB - Mas doutor, nós não temos no Regimento Interno liberdade para isso, correto?

O SR. - (Inaudível.)

O SR. LEONARDO SIQUEIRA - NOVO - Pela ordem, presidente.

O SR. PRESIDENTE - MAURO BRAGATO - PSDB - Ok, deputado.

O SR. LEONARDO SIQUEIRA - NOVO - Só dizer que os deputados, depois da sessão, podem estar disponíveis para conversar com ele.

A SRA. LAURA LAGANÁ - Eu falo com você, depois.

O SR. LEONARDO SIQUEIRA - NOVO - Exatamente.

O SR. PRESIDENTE - MAURO BRAGATO - PSDB - Eu quero passar a palavra para a Dra. Laura, para que ela possa fazer as considerações finais.

A SRA. LAURA LAGANÁ - Eu só quero agradecer. Eu gostei muito de estar aqui. Acho que é importante que essa casa conheça quais são as nossas ações, quais são as nossas metas, o que a gente está precisando, porque todos os projetos passam por aqui. Eu estou a frente dessa instituição há 19 anos, então tenho toda uma carreira no Centro Paula Souza, estou no Centro Paula Souza há 40 anos, agora, já, há 41 anos, e digo que o Centro Paula Souza é uma instituição muito séria. É muito séria. Ela tem, de fato, mudado a trajetória dos jovens de São Paulo que procuram as nossas escolas.

É uma instituição que, não sou eu que estou dizendo, eu apresentei os números das avaliações externas. E isso se deve, claro... Tem uma questão de continuidade, também. É uma instituição que planeja e consegue acompanhar, consegue implantar. Não foi uma instituição que sofreu, porque, quando você tem, na realidade, muito rodízio... Vou chamar rodízio, mas não é o termo correto, de equipes... Nossas equipes são permanentes há muito tempo, as coordenadorias pedagógicas.

A supervisão, que faz um trabalho excelente. Isso nos permite implantar programas, acompanhar programas, garantir a melhoria dos programas. E eu acho que esse é um dos

fatores de sucesso do Centro Paula Souza. É uma instituição que procura sempre inovar, esse programa que eu apresentei para vocês, de articulação do Médio e superior, é um programa que hoje o Senai nos procura para implantar. Instituto Federal nos procura porque quer implantar.

Foi uma inovação nossa que beneficia os jovens, e vai formar um profissional muito mais capacitado para o mercado. É uma instituição que procura inovar, mas sempre muito preocupada com as ações pedagógicas. Se a gente não tiver um bom professor em sala de aula, não adianta. Se a gente não tiver um bom planejamento da nossa ação pedagógica, não adianta. Se não capacitar professor, não adianta. A gente cuida há muitos anos dessas ações, que são prioritárias para o bom desempenho.

Aproximação do setor produtivo é fundamental. Eu lembro que teve um tempo, hoje isso também mudou muito na universidade, que a universidade dizia assim: “Nós não nos submetemos às empresas”. E eu sempre brinquei: “Nós sim, eu preciso da empresa. Por que se a gente não tiver essa proximidade, para onde vão os nossos alunos?”.

Hoje, claro, isso também mudou na empresa, é uma visão, essa articulação com o mercado também é muito presente nas universidades. Acho que é uma instituição que inova, que se aprimora, mas porque tem um corpo de professores e de administrativos muito envolvido.

Eu digo sempre que o nosso professor é apaixonado pela escola. Os administrativos também, e se orgulham muito do nosso sistema, isso é fundamental. Uma instituição que não se orgulha do seu resultado não progride. Acho que o Centro Paula Souza é uma instituição que tem feito o bem, mas precisa, ainda, de ajuda para aprimorar os seus resultados.

É isso, agradeço a vocês por terem me escutado tanto tempo, e estamos à disposição. Eu recebo muitos deputados no Paula Souza para tomar um café comigo, e gostaria muito que vocês me visitassem.

O SR. PRESIDENTE - MAURO BRAGATO - PSDB - Ok, professora, obrigado. Uma boa tarde para você e para todos nós.

A SRA. LAURA LAGANÁ - Obrigada, deputado. Obrigada pelo convite.

Tikinet Edição Ltda.

- Encerra-se a reunião.

* * *